



## Por Trás dos Muros<sup>1</sup>

Acássia Delié Mendonça Alves<sup>2</sup>  
Antônio Francisco Ribeiro de Freitas<sup>3</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### RESUMO

"Por trás dos muros" é um livro-reportagem que começa descrevendo uma peça teatral e destrincha-se em sete capítulos. No primeiro deles, o leitor é convidado ao palco do teatro, onde funcionários e pacientes do Hospital Escola Portugal Ramalho, único hospital psiquiátrico público de Alagoas, encenam "Atalhos", uma homenagem ao psiquiatra e ex-diretor da instituição, Marcondes Costa. A partir do segundo capítulo, há uma imersão ao interior do Hospital Escola Portugal Ramalho e às histórias de vida de cinco pacientes, todos atores da peça. É por meio dessas histórias que é apresentada a própria história do hospital. Um trabalho que busca contribuir para reduzir os estigmas configurados sobre as doenças e os doentes mentais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; livro-reportagem; teatro; psiquiatria; *Hospital Escola Portugal Ramalho*

### INTRODUÇÃO

“Entrar em um hospital psiquiátrico é assustador para muita gente. Gente que só ouviu falar de ‘loucos’ pela televisão, pelos jornais, pela igreja, pelos vizinhos. Não é para menos. Ao longo da história, a loucura vem sendo tratada como algo perverso, merecedora de exclusão. (...) Provavelmente, no entanto, se o primeiro contato com o mundo da loucura fosse em um teatro, atravessar esses muros não causasse tanto pavor. Quem sabe, até se tornaria motivo de encanto”.

A introdução do segundo capítulo deste, que se propõe ser um livro-reportagem, reflete o conjunto da obra. Primeiro por que apresenta o principal propósito do trabalho, que é entrar em um hospital psiquiátrico. Não como uma médica ou como uma paciente. Tampouco como repórter em busca de uma grande manchete. Sim, entrar em um hospital psiquiátrico em busca da vida real, daquilo que existe por trás dos muros que a maioria das pessoas só conhece pelo “ouvir falar”. E pelo “ouvir falar” se assustam, têm medo. Estigmatizam.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

<sup>2</sup> Estudante do 4º ano do curso de Comunicação Social (março 2009), com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: acassiadelie@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Dr. do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas.



O fato de a autora conhecer um pouco a rotina do hospital trouxe a vantagem de saber, mesmo antes de imergir naquele universo, que a loucura não apaga a história de alguém. Muitas vezes transforma, reduz, amplia, mas nunca a história deixa de existir. Sabendo disso, e acreditando ser a comunicação importante instrumento de transformação social, decidiu-se desenvolver um projeto experimental voltado para essas histórias, buscando apresentá-las sem estigmas.

Daí a escolha do livro-reportagem como veículo para este trabalho. O livro-reportagem que, por sua natureza jornalística entrelaçada com a literatura, abarca uma significativa variedade temática, permitindo ampliar informações de relevância social e utilizar recursos narrativos que não cabem no jornalismo convencional. Só assim poderiam ser contadas as histórias conhecidas durante os quatro meses de visitas ao Portugal Ramalho. As vidas de Manoel Augusto, Sandra Virgínia, Cristine Mayara, Paulinho e Pedro Nobre não poderiam, portanto, ser reduzidas a simples lides.

Todos encenaram “Atalhos”, peça teatral que contou a história de um dos psiquiatras mais antigos e admirados no Portugal Ramalho, doutor Marcondes Costa. A autora entrevistou, colheu dados, observou. Assim, montou os sete capítulos deste livro-reportagem, tudo a partir da experiência de assistir a peça, cuja descrição é apresentada já no primeiro capítulo, “Senhoras e senhores, Atalhos”, no qual o leitor é convidado ao palco do teatro do Colégio Marista. No segundo capítulo, “Portugal Ramalho, bom dia!”, começa a imersão ao interior do hospital psiquiátrico, o único público de Alagoas. Mais que isso, começa a imersão nas histórias de vida dos cinco atores, todos pacientes psiquiátricos.

## **1. OBJETIVO**

A maior proposta deste trabalho foi apresentar a história de cada ator de “Atalhos” sem transformá-los em personagens dignos de pena ou em espetáculos da natureza, por serem portadores de transtornos mentais; apenas dignos de respeito e aptos a uma vida natural, cada um com suas limitações e peculiaridades. Dessa forma, contribuir para desmistificar o universo das doenças e dos doentes psiquiátricos, por meio de um estudo participante e de um olhar jornalístico sobre o cotidiano dos personagens que fazem parte desse universo.

Outra grande preocupação foi fazer jus à escolha do veículo livro-reportagem e utilizar os recursos literários onde eles coubessem, evitando um texto mecanizado, tal como sugere Carlos Alberto Vicchiatti, “ou seja, simplesmente informativo, sem contextualizar o

leitor, o ouvinte, o telespectador. Notícia de forma fragmentada, respondendo à fria fórmula explicitada anteriormente [lide]” (VICCHIATTI, 2005, p. 47).

Incluindo as informações sobre o hospital e sua rotina na história dos próprios personagens, este livro-reportagem busca ampliar a bibliografia local sobre o universo psiquiátrico, bem como contribuir com a bibliografia nacional de livros-reportagens. Além disso, pretende resgatar as contribuições deixadas por psiquiatras alagoanos, como Marcondes Costa e Nise da Silveira – esta última já falecida e conhecida internacionalmente por seu trabalho com terapia ocupacional.

Não deixa de ser também uma pretensão da autora discutir sobre o futuro próximo dos tratamentos psiquiátricos em Maceió, introduzindo, por exemplo, a preocupação de funcionários e pacientes sobre a possibilidade de privatização do único hospital psiquiátrico público de Alagoas.

## 2. JUSTIFICATIVA

O primeiro fator relevante para o desenvolvimento deste trabalho experimental como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, foi a possibilidade de desenvolver um trabalho prático que vai além das técnicas jornalísticas adotadas pela imprensa convencional. Concordamos com diversos teóricos da comunicação e entendemos que esta se vê limitada, por fatores como as linhas editoriais e o grande espaço destinado à publicidade, a abordagens mais superficiais sobre assuntos que podem – e devem – ser explanados com mais profundidade.

O livro-reportagem surge, então, como um veículo de comunicação alternativo a essa limitação, que permitiu uma liberdade maior para abordar as histórias de quem vive os dias por trás dos muros de um hospital psiquiátrico, o Hospital Escola Portugal Ramalho. Em janeiro de 2009, por exemplo, Alagoas viu os jornais locais recheados com manchetes sobre o caso de um rapaz esquizofrênico que assassinou a namorada a golpes de faca. O problema mental, mais uma vez, tornou-se o pitoresco das reportagens, apesar das críticas feitas pelos profissionais da Saúde: “Um doente mental é capaz de cometer um crime da mesma forma que tantas outras pessoas consideradas normais também são capazes. A criminalidade não é característica da loucura”, disse o psiquiatra Marcondes Costa em uma das entrevistas, repetindo o que escreveu na única edição de seu *Aspectos do Sofrimento Humano*, de 1981.

A autora acredita que o Jornalismo, como instrumento formador de opinião pública, pode contribuir para reverter esse quadro de estigma já configurado sobre a doença e os

doentes mentais. O resgate dessas questões se torna ainda mais importante se considerarmos que o Portugal Ramalho, único hospital psiquiátrico público do Estado, pode vir, brevemente, a acompanhar a tendência nacional de privatização, deixando de realizar atendimentos unicamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Isso numa época em que a parcela da população mundial que necessita de algum atendimento de saúde mental é cada vez mais crescente. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, são cerca de 450 milhões de pessoas, 38 milhões só no Brasil.

### 3. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Justificada a escolha do livro-reportagem como veículo para este trabalho experimental, bem como justificado o seu tema, detalhemos as etapas de produção. Tomando por base os conceitos de Edvaldo Pereira Lima, em seu *Páginas Ampliadas*, foram seguidos quatro procedimentos jornalísticos até chegar ao produto final: a pauta, a captação, a redação e a edição, além do desenvolvimento do planejamento gráfico e da captação de fotografias.

A pauta para o livro, se comparada à produção do jornalismo cotidiano, desfruta de uma série de liberdades, nas quais a autora se apoiou para pautar este trabalho experimental. São elas: liberdade temática, liberdade de angulação, liberdade de fonte, liberdade temporal, liberdade de eixo de abordagem e liberdade de propósito (LIMA, 1995). Assim, percebendo-se que havia na “loucura” algo a mais para ser explorado além do sensacional e do pitoresco, foram escolhidos os personagens do Hospital Escola Portugal Ramalho que comporiam o livro. A angulação mais precisa surgiu ao assistir uma peça teatral, “Atalhos”, encenada por pacientes e funcionários. Tentar destrinchar os passados desses artistas, compreender o presente e identificar possíveis desenlaces futuros, entrelaçando suas histórias com as do próprio hospital e da psiquiatria, baseada na maior diversidade de fontes, dada a liberdade para isso, eram os desafios.

Na etapa de captação, mais uma vez se fizeram presentes as especificidades do livro-reportagem, quando

[...] não estando, como não está, preso à rotina industrial dos veículos periódicos, tem o potencial, teoricamente, para se livrar da captação premida pelo tempo; estando liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular, pode, em tese, experimentar novas formas de captação, expandir o leque de fontes de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados, munir-se de instrumentos inovadores na observação do real em suas múltiplas complexidades, já que, de princípio, não há necessidade de se submeter a um ‘gosto médio’. (LIMA, 1995, p. 84)

Foram seis meses de trabalho, sendo quatro de visitas ao hospital, dialogando com as mais diversas fontes, das oficiais às testemunhas, conforme proposição de Nilson Lage (LAGE, 2006), e das estáticas às dinâmicas, conforme Sergio Vilas Boas (VILAS BOAS, 2005). O plano de captação baseou-se nos métodos sugeridos por Lima: entrevistas, histórias de vida, observação participante e documentação, dos quais este último caracteriza-se por sustentar e ampliar as informações das entrevistas, por meio de outros registros, como livros, revistas e websites oficiais de órgãos e personalidades (expostos nas referências bibliográficas). Além disso, por várias vezes recorreu-se aos arquivos do próprio hospital para checar datas e números colhidos nas entrevistas.

Nas entrevistas de profundidade, buscou-se extrair dos entrevistados a reconstituição de eventos e situações dos quais participaram, como a convivência em um hospital psiquiátrico repleto de grades, de acordo com suas interpretações, o que permitiu a construção de grande parte de suas histórias a partir de seus próprios depoimentos e impressões. A observação participante, inviável no ritmo frenético das redações, também foi realizada neste trabalho. Sem esse método, provavelmente a autora não teria sentido a luz que entra em praticamente todos os corredores do hospital, ou não teria percebido que as toalhas do restaurante são trocadas entre a refeição dos funcionários e a dos usuários.

No fim das contas, eis o saldo quantitativo desses quatro meses de captação: mais de 450 páginas de arquivos, incluindo livros, revistas e documentos; quase uma hora de filme gravado; 47 páginas de anotações no meu caderninho (diário de bordo); 810 fotografias registradas, 14 entrevistados e mais de 11 horas de entrevistas gravadas.

A decisão de apenas começar a escrever o texto após concluir a etapa de captação não foi à toa. Somente com todo o material captado em mãos é possível ter uma visão geral de como irá se construir o texto. E é na etapa de redação que a reportagem se assume enquanto livro, abarcando lições e legítimas qualidades literárias, se permitindo desobedecer às regras rígidas de objetividade e concisão na redação jornalística convencional, cativando o leitor para um mergulho no universo do livro, propondo uma viagem aos valores e às realidades de outros seres e circunstâncias.

Neste caso, o desafio foi convidar o leitor a mergulhar na realidade de um hospital psiquiátrico, desconhecida para a maioria das pessoas, mas que apresenta um sem-número de pontos em comum, postas as inúmeras figuras humanas que ali existem, muitas das quais levam uma vida normal fora daqueles muros. Para tanto, foram combinados alguns dos recursos sugeridos por Lima, sejam eles as técnicas de redação – narração, descrição,

exposição e diálogo -, as funções de linguagem, as técnicas de angulação, as técnicas de edição e o ponto de vista.

#### 4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“Por trás dos muros” é um livro-reportagem de 70 páginas, distribuídas em sete capítulos, que discorrem, segundo as técnicas do jornalismo literário, sobre as histórias de pacientes psiquiátricos do Hospital Escola Portugal Ramalho, bem como sobre o cotidiano desta instituição. O título busca convidar o leitor a adentrar num lugar que a maioria das pessoas nunca visitou, embora sempre esteja presente no imaginário como algo cercado por muros e grades, realidade que, gradativamente, está mudando.

Das 810 fotografias registradas, com o apoio de mais duas estudantes do curso – Sionelly Leite e Ariana Maurício -, 22 foram inclusas no trabalho final, uma média de três por capítulo. Ressaltando que, em cumprimento às recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa da Ufal e da direção do próprio hospital, tomou-se sempre o cuidado de preservar a identidade dos pacientes psiquiátricos, nas fotos e no próprio texto. Outro recurso gráfico utilizado foram as caixas de texto, que detalham assuntos avaliados como desnecessários na narrativa, mas interessantes de serem conhecidos pelo leitor.

Enquanto produto midiático, o livro-reportagem tanto mais se faz atraente para o leitor, quanto se aproveita de recursos pictóricos e plásticos. Entretanto, preza, essencialmente, pelo desenvolvimento da narrativa, neste caso baseada em histórias de vida reais. Vale lembrar um pensamento da professora Medina, citada por Lima: “...qualquer pessoa procurada no anonimato tem alguma coisa de importante a *dizer*” (LIMA, 1995, p.76).

É isso que faz a jornalista Eliane Brum em seu livro-reportagem *A vida que ninguém vê*, de 2006. Derivado de textos publicados no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, ela apresenta 23 histórias distintas, sobre personagens que, até então, nunca povoaram as manchetes dos meios de comunicação. Personagens como Frida, que, “perseguida por um diagnóstico médico: esquizofrenia”, vive como se fosse assessora da Câmara de Vereadores da capital gaúcha. Sobre o livro, diz Brum:

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. (...) O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não



por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisséia*. (BRUM, 2006, p. 187)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concretizado o trabalho, pode-se dizer que a escolha em buscar construir um livro-reportagem foi acertada. Proporcionou uma experiência que jamais haveria desenvolvendo-se uma monografia: desde o contato mais íntimo com uma parcela estigmatizada da população, os loucos, até a prática das teorias que começam a se estruturar em torno deste crescente veículo de comunicação.

Nessa experiência, foi reforçada a desconfiança com os gravadores digitais, que, em silêncio, deixam os entrevistadores na mão, quando estes não estão munidos de tradicionais papéis e canetas. Também foi possível perceber o quanto de fôlego há que se ter caso queira-se adentrar pelos caminhos descobertos aqui. Foram quatro meses de pesquisas de campo, a excluir as pesquisas “de escritório”, e, mesmo assim, poderia se ter ido mais além. Apesar de nunca ter tido a pretensão de querer esgotar assunto algum, apenas buscar a vida real por trás daqueles muros, a autora crê que as histórias rendiam mais páginas, que algumas anotações acabaram ficando de fora.

No fim, a maior preocupação foi mesmo se a produção se configura, realmente, como livro-reportagem. Por isso, mesmo expondo todas as etapas de produção acima, não custa buscar enquadrá-la nos conceitos teóricos.

Como bem expressara Cremilda Medina na entrevista que nos concedeu, três aspectos essenciais devem ser considerados para a avaliação de um livro-reportagem: seu programa técnico – abarcando o conjunto de instrumentos de que se vale para a produção da mensagem; seu projeto estético – a arquitetura de elementos que lhe dão expressão; e seu propósito ético – a natureza da sua visão de mundo, focando a realidade. (LIMA, 1995)

Os preceitos foram seguidos. Mas, certo mesmo, há uma coisa: a autora sentiu o que estava fazendo. Não o fez pela obrigação de concluir a graduação. Se assim o fosse, não teria escolhido um tema tão complexo, que exigiu tanto tempo, dedicação e responsabilidade. Também não teria se preocupado com tantas minúcias ao logo destas etapas de produção. Sim, porque até inserir um travessão no lugar de aspas, dispensou-se tempo, refletindo e pesquisando. Até encontrar em Tom Wolfe, um dos pioneiros do jornalismo literário, a opção pelos travessões: “Tom Wolfe faz uso exuberante de pontos, travessões, pontos de exclamação, reticências, e até de pontuações que nunca existiram. Ele



acha que são sinais que dão a ilusão de alguém não só falando, mas também pensando” (WOLFE, 2005, p. 241).

Houve preocupação com tudo isso e com o tempo dos verbos e em como se descreveria os personagens sem ser invasiva. Aliás, a preocupação com o conforto dos entrevistados foi uma das premissas para a realização deste trabalho. Tanto o é que ele foi desenvolvido com o aval e o amparo do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, conforme documento anexo.

“Por trás dos muros” não é uma obra brilhante, tampouco tem o fôlego que a autora gostaria que tivesse. Entretanto, é fruto da inquietude de uma jovem jornalista que entra no mercado de trabalho com a consciência de que, longe das fontes oficiais, pulsam vidas ávidas por serem descobertas, tal como expressa o jornalista Heródoto Barbeiro, sobre a coletânea de histórias publicadas pelo jornal estadunidense *New York Times*:

A missão do jornalismo, também, é contar histórias de seres humanos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e pacífica. Não é a de se enterrar na lama do sensacionalismo e divulgar apenas notícias ruins. [...] Investigar e contar histórias ajuda os cidadãos a entender o mundo que os cerca. O que poderia existir de mais compensador em uma profissão? (in BELKIN, 2007)

Esta é a lição que fica.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO, Luis Fernando. **O processo investigativo do jornalista Nilson Mariano**. Dissertação de mestrado apresentado à Universidade do Vale dos Rios dos Sinos. São Leopoldo, 2005.
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66** – a história da polícia que mata. São Paulo: Globo 6ª Ed., 1992.
- BELKIN, Lisa (organização e edição). **Histórias do New York Times**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto 1ª Ed., 2006.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 1ª Ed., 2006.
- \_\_\_\_\_. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Decodificação em Jornalismo** – Redação, Captação e Edição no Jornal Diário. São Paulo: Átila 5ª Ed., 2006.
- FERREIRA, Luiz Claudio. **Livro-reportagem: Assinatura Digital** – uma apuração jornalística sobre o passado e o presente do analfabetismo em Alagoas. Maceió: Edufal, 2000.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem** - Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Páginas Ampliadas** – o Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura - Coleção Momento. Campinas: Unicamp, 2ª Ed., 1995.
- OLIVEIRA, Eliane Freire de e SANTOS, Daniella de Almeida. **A (des)caracterização do livro-reportagem em projetos experimentais de Jornalismo**. Universidade de Taubaté, 2005.
- VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.
- VILAS BOAS, Sergio. **Jornalismo Narrativo**, um percurso filosófico (e-book). 2005.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo** – Coleção Jornalismo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

### Na internet

- <<http://murilogitel.blogspot.com>> *Entrevista com Edvaldo Pereira Lima*, por Murilo Gitel
- <<http://www.textovivo.com.br>>



## APÊNDICE



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Maceió – AL, 14/01/2009

Senhor (a) Pesquisador (a), Antônio Francisco Ribeiro de Freitas  
Carla Siqueira  
Acássia Delié Mendonça Alves

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em 14/01/2009 e com base no parecer emitido pelo (a) relator (a) do processo n° **0027468/2008-58** sob o título **Livro-Reportagem: por trás dos muros de um hospital psiquiátrico (O caso do Hospital Escola Portugal Ramalho)**, de sua autoria, vem por meio deste instrumento comunicar sua aprovação *ad referendum* com base no item VIII.13, b, da Resolução n° 196/96.

Outrossim, recomendamos a observância do que consta na folha de rosto com respeito ao cumprimento dos prazos para entrega de relatórios, bem como o atendimento da referida Resolução da CONEP/CNS, quando for o caso (\*).

Na eventualidade de esclarecimentos adicionais, este Comitê coloca-se a disposição dos interessados para o acompanhamento da pesquisa em seus dilemas éticos e exigências contidas nas Resoluções supra referidas.

(\*) Áreas temáticas especiais



Prof. Dr. Walter Matias Lima  
Coordenador do Comitê de Ética  
em Pesquisa  
UFA